

## AMALGAMADO DE DESTERRITORIALIZAÇÕES

Jorge Marques\*

Dório Finetto é um engenheiro que trabalha para o Banco Mundial, motivo pelo qual viaja mundo afora em expedições diversas, malgrado mantenha um pequeno apartamento no Rio de Janeiro. Açodado por uma crise depressiva, começa a frequentar sessões de psicanálise e, ato contínuo, registra diversos encontros com personagens marcantes nos mais variados lugares. Compilados em um volume, os escritos foram enviados a Luiz Ruffato que, organizando-os e selecionando-os, trouxe as memórias de Finetto nesse *Flores Artificiais* (2014).

É a partir dessa estratégia de criação de verossimilhança que Ruffato emoldura seu mais recente livro. Se não chega a ser um recurso novo (na verdade, remonta ao século XIX e, de certa forma, já estava presente desde *O Filho do Pescador*, primeiro romance brasileiro), não deixa de ser utilizado de modo muito interessante, visto que sob o signo da paródia.

---

\* Doutor em Literatura Brasileira (UFRJ). Autor de *As lacunas do amor* (Oficina Raquel, 2012) e *Personagens Femininas: confinamentos, deslocamentos* (Oficina Raquel, 2014).

Ruffato-autor e Ruffato-personagem convivem no mesmo texto e, ao final do volume, o segundo perfaz a biografia da personagem fictícia que alinhava as histórias narradas. Além disso, ao admitir terem sido realizadas intervenções no “original” de Finetto, Ruffato-autor perfaz um intrincado caminho de escrita, que perpassa caminhos quase labirínticos: o escritor produz um texto que é a reescrita promovida por sua *persona* literária em memórias compiladas por uma personagem. Ainda no universo da paródia, é notório e significativo que o primeiro título dado por Dório aos seus registros, *Viagens à terra alheia*, realiza evidente menção a *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett.

O livro, formado por histórias relativamente independentes, é forjado a partir de uma estrutura que traz logo à lembrança os quadros estruturados por Graciliano Ramos em *Vidas Secas*. Ainda que, na superfície, as propostas temáticas sejam radicalmente diversas (Graciliano voltando-se para as misérias do Brasil profundo, Ruffato trazendo à baila as angústias descentradas do sujeito pós-moderno), observa-se que ambas as realizações não deixam de possuir um ponto em comum: abordam preocupações agudas do momento histórico em que foram produzidas. Nesse sentido, o autor de *Eles Eram Muitos Cavalos* (2001) forja em sua

obra um hábil texto no qual a desterritorialização e o sentimento de não-pertencimento constituem a tônica que permeia todas as páginas, dando uma unidade singular aos quadros que se sucedem. Mas o sumário dessas sensações emerge no último capítulo do livro, quando Finetto, num arremedo de conclusão de suas narrativas, afirma: “Não pertença a lugar algum, sou, sempre fui, um estrangeiro... Não me entreguei à vida – ela me largou num parque abandonado”. As temáticas em destaque não chegam, aliás, a ser uma novidade na obra de Ruffato: já em *Estive em Lisboa e Lembrei de Você* (2009), o escritor transitava por elas, mas não há dúvida de que é no seu mais recente livro que ele as opera com maior capacidade de sistematização. O autor, a propósito, não está só na Literatura Brasileira contemporânea: *Algum Lugar* (2009), de Paloma Vidal, e quase a totalidade da obra de João Gilberto Noll (só para ficar em exemplos mais notórios) investem em temáticas semelhantes, com eficácia também admirável, embora sob perspectivas diferentes. O que singulariza a proposta de *Flores Artificiais* é que o autor logra levar a termo essa proeza em função de um exemplar trabalho com a palavra: se no texto de Ruffato não há espaço para sentimentalismos, certo é que um halo lírico brota de sua leitura; um lirismo comedido, verdade seja dita, mas, ainda assim, tocante. Sendo assim, acaba por se diferenciar da proposta dura e cortante de Noll, que blinda a sua literatura de “comoções”, elaborando assim trabalhos tecnicamente admiráveis, mas, por vezes, demasiadamente cerebrais e distanciados. Em *Flores Artificiais*, o resultado é

diferente: a aspereza existe, sim, mas não há dúvida de que o autor (Dório? Ruffato?) trata suas personagens com inevitável ternura. O livro debruça-se então sobre a tragédia de seres irremediavelmente sós e que, na miséria de suas solidões, erram por realidades muitas vezes cruéis.

Em 2011, Conceição Evaristo – outro nome fundamental para que se entenda a Literatura Brasileira produzida nos primeiros anos do século XXI – lançou o surpreendente *Insubmissas lágrimas de mulheres*, no qual uma sucessão de personagens narravam histórias marcantes de suas existências. Nesse sentido, o compartilhamento de experiências, prática que, de acordo com Walter Benjamin, fora extinta pelas vicissitudes da sociedade industrial, era resgatado com vigor pela escritora naquela ocasião. Ruffato/ Finetto acabam por dar continuidade ao projeto de Evaristo, pois sedimentam a contradição aos preceitos benjaminianos, na medida em que as experiências contadas em cada um dos capítulos do livro também se estruturam a partir de narrativas erigidas sob a égide do testemunho. Vai daí que Dório Finetto nem de longe pode ser considerada a protagonista da obra, sendo muito mais o mero ponto de alinhave que costura as histórias presentes.

Oito capítulos, oito lembranças, oito lugares. O livro é um amalgamado de visões de mundo que compartilham a vivência em um mundo globalizado, no qual referências culturais solidificadas são cada vez menos frequentes, o que, obviamente, aponta diretamente para os estudos de Stuart Hall. Não por outro motivo, “Comer sushi em Beirute” talvez seja o capítulo mais feliz das narrativas de Fi-

netto/ Ruffato, fato que termina por apontar uma falha visível no projeto do livro: o desequilíbrio entre as narrativas apresentadas. Não há dúvida de que, enquanto algumas histórias são simplesmente arrebatadoras, outras padecem da falta de enredos/ personagens que cati-

vem profundamente o leitor. Mas talvez também esse desequilíbrio seja a maior prova de que *Flores Artificiais* é obra desenhada a partir de componentes emocionais significativos – sejam eles, por vezes, brisa amena; sejam, em outras ocasiões, forte torrente. Vida, enfim.